

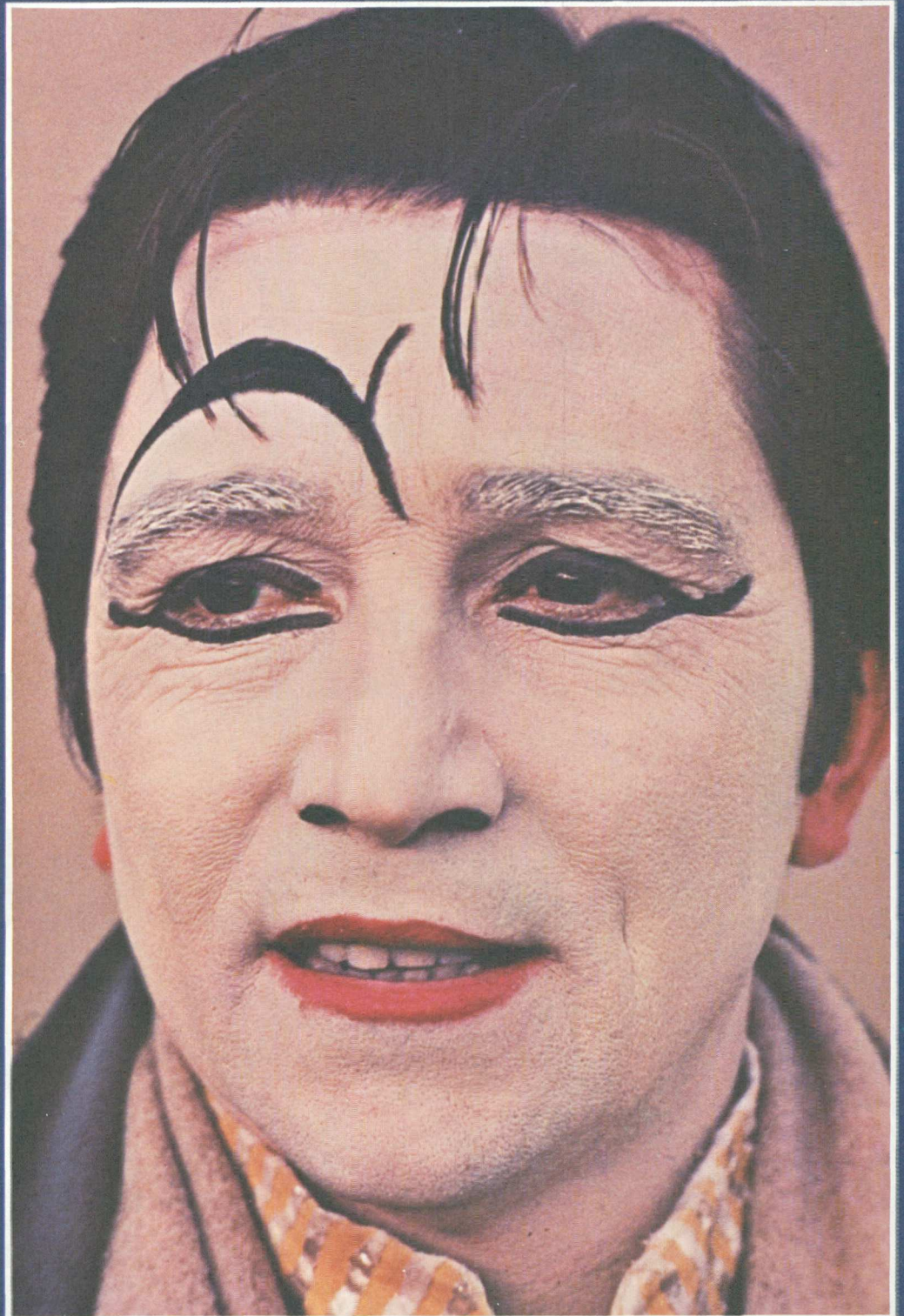
am

AVE MARIA — REVISTA QUINZENAL — ANO LXXXII — Nº 4
28 DE FEVEREIRO DE 1981 — Cr\$ 25,00

convertei-vos e crede no evangelho

OS NOSSOS
tantos
carnavais

viver
sem
máscaras



**CASA? CARRO?
APARTAMENTO?**

**Abra uma
Caderneta
de Poupança
Bradesco.**

**Assim você
chega lá.**



BRADESCO

garantia de bons serviços

sumário

- 4** A Igreja no mundo — Informações a todos os cristãos.
- 5** Os nossos tantos carnavais — O que representam para mim.
- 6** Não adianta falar contra. Melhor é compreender.
- 7** "Convertei-vos e Crede no Evangelho" — Converter do quê e para quê?
- 9** Mensagens para a Vida, (parte final).
- 12** Mensagem às Famílias Cristãs no Mundo Contemporâneo, (parte final).
- 13** Se queres a paz, põe em ordem a tua vida.
- 15** Carnaval — Sua origem e interpretações.
- 16** História de um igreja — Nowa Huta (Cracóvia).
- 18** Quais os sintomas do Alcoolismo? — Sou um alcoólatra?

aviso aos assinantes

Caros assinantes da Revista Ave Maria.

Vivemos um tempo de grandes dificuldades de que também nós somos vítimas. E como não poderia deixar de ser, a Palavra de Deus utiliza-se igualmente dos meios materiais para a sua maior difusão. Por isso, comunicamos aos senhores assinantes que a partir deste ano (janeiro de 1981), a anuidade da Revista Ave Maria passará a custar Cr\$ 500,00. Pouco mais de um maço de cigarros por mês durante um ano. Vamos continuar juntos, sustentando que a palavra de Deus merece estar acima de tudo? Leia a Revista Ave Maria! E divulgue-a.

editorial

Viver sem máscaras

Por 18 anos (por ocasião da quaresma) a Igreja faz Campanhas da Fraternidade. Procura criar condições para o cristão se aperceber de alguns problemas significativos. De um lado para não ignorá-los, e de outro, pela necessidade de comungar esforços para soluções de maiores resultados. É o exercício da vivência da caridade para que o cristianismo seja na verdade sal e fermento como Cristo pede.

Neste ano o tema é "SAÚDE PARA TODOS".

Até o dia 19 de abril (Páscoa e conclusão da campanha), muitos folhetos e cartazes, muitas homilias abordarão este grande problema do nosso povo, a caridade direcionada ao doente.

Alguns números estarrecedores apontam a situação grave dos brasileiros doentes: 8 milhões portadores da esquistossomose(!); 5 milhões portadores da doença de Chagas(!); 500 mil tuberculosos(!); 10 milhões de doentes mentais(!).

A constatação não é o mais difícil. O difícil e árduo é se dispor a fazer algo para reduzir esses números.

Mais do que nunca urge o homem desmascarar-se e perceber que ser cristão não é somente representar um papel religioso social ou não cometer erros, mas fazer boas ações, viver a caridade. Toda religião que

não nos move em direção ao próximo, a uma aliança, a um compromisso com ele, é folclore, é como máscara de carnaval, é usada para representar ou para disfarçar. Pior, é a própria pele pintada. Por mais colorida e artística que seja a pintura, jamais transparecerá a face original, a autêntica.

Temos pela frente um tempo (a quaresma) oportuníssimo para nos olhar no espelho e fazer um limpamento da cara e da alma.

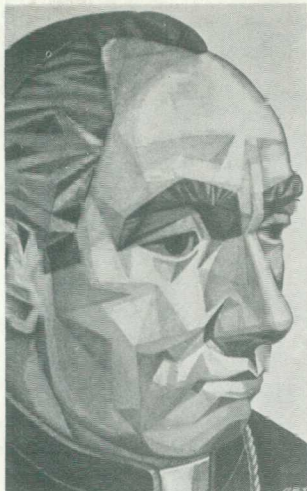
Uma sugestão prática e fácil poderá indicar-nos que estamos no caminho certo: visitar um doente, por exemplo! A propósito, quem foi mesmo que disse: "Estive doente e vistes me visitar"?...



P.C.G.

am
avemaria

AVE MARIA é uma publicação quinzenal da Editora Ave Maria Ltda. Fundada a 28 de maio de 1898. Registrada no S.N.P.I., sob n.º 221.689, no S.E.P.J.R., sob n.º 50 no R.T.D., sob n.º 67 e na DCDP do DFP, n.º 199, P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil. Diretor: Athos Luís Dias da Cunha. Redação: Cláudio Gregianin, Avelino de Godoy, José Anderj, Maria do Carmo Fontenelle e Antônio Joaquim Lagoa. Arte e Diagramação: Pedro Ribeiro e Avelino de Godoy. Colaboração: Elias Leite, José Fernandes Oliveira, José Wanderley Dias, João de Castro Engler e André Carbonera. Colaboração especial: D. Vicente Scherer. Departamento de Assinaturas e Promoção: José Rodrigues de Almeida. Circulação e Propaganda: Geraldo Moreira, Joaquim de Castro, Antonio T. Sato, Afonso de Marco e João Ferreira de Menezes. Coordenação e Publicidade: Cláudio Gregianin. Administração: Nestor Antonio Zatt e Hely Vaz Diniz. Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3.º e 4.º andares. (Telefones: 826-1225 e 66-9296) Cx. Postal 615. 01000 - São Paulo, SP. Composição, Fotolito e Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda., Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque) - São Paulo. Assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da Revista Ave Maria. — Nas pequenas cidades, onde estas formas sejam difíceis, pode-se enviar a importância em selos de correio. A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes que renovam as anuidades a domicílio, nas demais, as renovações de assinatura são feitas pelo correio. Preços: Número avulso Cr\$ 25,00 - Ass. Anual (simples) Cr\$ 500,00 - Ass. Beneficor Cr\$ 750,00



Missionárias de Santo Antônio Maria Claret

A Congregação das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret, fundada por Madre Leônia Milito aos 19 de março de 1958, em Londrina (Estado do Paraná - Brasil), realizou o seu IV Capítulo Geral para a eleição da nova Superiora-Geral.

Após o retiro espiritual sob a direção de D. Gerardo Fernandes, Arcebispo de Londrina, as 27 Irmãs capitulares juntamente com as Delegadas das várias casas provinciais elegeram o novo Conselho Geral durante o Capítulo realizado em Londrina no dia 19 de janeiro deste ano.

Madre Tarcísia Gravia foi eleita por unanimidade para substituir Madre Leônia, fundadora e primeira Superiora-Geral, falecida aos 22 de julho de 1980. Os outros cargos da direção geral estão assim dispostos: Vigária-Geral, Madre Eucarística Locante; Conselheiras, Madres Celestina Maiorano, Dosolina Lourenço e Cleusa Angélica Felício; Econômica-Geral, Madre Inês Serrato; e Secretária-Geral, Madre Ana Buscato.

(Bol. CNBB)

A alegria do Santo Padre pela libertação dos reféns americanos

“Desejo agora exprimir a minha viva e profunda satisfação por terem sido libertados ontem os reféns dos Estados Unidos da América, ao lado dos quais, durante estes catorze meses, estive particularmente presente com a minha oração:

A libertação dos reféns americanos, retidos durante mais de catorze meses em Teerã, é algo que saúdo com profundo contentamento. Sinto-me muito feliz por ter sido possível, após longa e difícil negociação, chegar a um acordo entre os dois países sobre este assunto.

Durante todo este período segui com interesse e preocupação constantes as fases da situação em que se encontravam. Partilhei o sofrimento e a ansiedade das suas famílias. Fiz o que pude mediante a palavra e contínuas e fervorosas orações para abreviar a solução.

Agora os reféns foram libertados, congratulo-me com eles e com os seus entes queridos, ao convívio dos quais eles voltaram. Peço a Deus os abençoe nos anos futuros”.

Bispo denuncia injustiça rural

Juazeiro (CIC) — “Hoje é o capitalismo selvagem que entra no campo, na forma de grandes empresas, projetos agropecuários, agroindustriais, Proálcool, hidrelétricas e todas as formas de grilagem da terra”, afirmou o bispo diocesano de Juazeiro, Bahia, dom Rodrigues de Souza, em seu discurso como paraninfo dos engenheiros agrônomos formados em 1980 naquele município. O Bispo apelou aos agrônomos para que estudem o documento da CNBB sobre a questão da terra e atribuiu “a responsabilidade maior” pelas injustiças no campo “aos que montam e mantêm, no Brasil, um sistema de vida e trabalho que enriquece uns poucos às custas da pobreza ou da miséria da maioria. É a concretização, entre nós, da “injustiça institucionalizada”, de que fala o Documento de Puebla”.

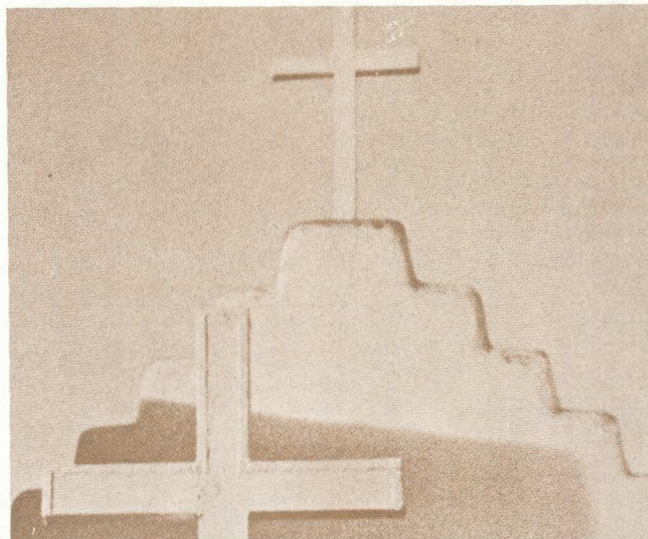
16 missionários são beatificados em Manila

Pela primeira vez na história da Igreja, uma beatificação se realiza fora da sede pontifícia: o Papa João Paulo II, em Manila, capital das Filipinas, no dia 18 de fevereiro, elevou à honra dos altares 16 missionários da província dominicana instalada nas Filipinas, que foram martirizados em 1637. Na última etapa de sua viagem ao Extremo Oriente, o Santo Padre visitou em Nagasaki, Japão, a pequena comunidade de Religiosas dominicanas, que aí se estabeleceram 343 anos depois do martírio desses missionários.

Cruz do bispo é retirada

La Rioja (CIC) — Soldados da Aeronáutica argentina retiraram a cruz de madeira que marcava o local em que o bispo de La Rioja, dom Enrique Angelelli, morreu há alguns anos, muito provavelmente em atentado terrorista. Embora a cruz estivesse situada a oito metros da estrada, os militares argumentaram que a lei proíbe

todo obstáculo que possa prejudicar o trânsito. É o que informa a revista “Vida Nueva”, de Madri, acrescentando, por outra parte, que no recente congresso mariano de Mendoza foi suprimido do Magnificat, nos folhetos distribuídos à população, o trecho: “Derrubou os poderosos do seu trono e elevou os humildes”.





José Wanderley Dias

Os nossos tantos carnavais.

Outra máscara sobre a máscara do dia-a-dia.

Está aí de novo o Carnaval. O verdadeiro. E, por isto mesmo, o mais falso de todos.

Porque baseado na fantasia, motivado pelo faz-de-conta.

Um reinado fátuo de três (hoje quatro, com tendências a cinco) dias, p'ra tudo se acabar na quarta-feira.

E há tantos outros carnavais, os nossos tantos carnavais existenciais.

Aquilo por que passamos tem muito de carnaval, muito de ilusão, muito de faz-de-conta.

Muitos ficam à margem do que passa à sua frente.

Quantos ficam à porta dos clubes do viver, vendo a entrada dos que entram, a saída dos que saem.

Só ouvem a música alegre de longe. Tantos se divertem. Tantos mais nunca saberão o que é isto.

Os que vão para as arquibancadas regamente pagas. Os que têm de contentar-se com as gerais. Usando a linguagem picaresca dos locutores especializados em esportes: no carnaval da vida também há os geraldinos e

arquibaldos.

Os que fingem alegrias que não têm ou que já perderam.

Os que querem esquecer tudo, e pensam que o conseguem com o barulho e com coisa pior que o barulho.

Nos carnavais da vida há muitas fantasias, há muitos disfarces.

Não são ostensivos, visíveis de saída.

Talvez não se veja o excêntrico da roupa, o detalhe da pintura, a nitidez da máscara.

Muitos, porém, se disfarçam, se ocultam sempre.

Apresentam carteiras de identidade comportamentais diferentes do que realmente são.

O riso pode esconder a vontade de chorar... as notas da carteira podem ser verdadeiras, mas têm uma falsidade original: eram para outra coisa, eram para outros reclamos e voam em direções outras do que a que deveriam ter tomado.

Também tantas histórias são ditas que seriam para sempre... e não durar alguns dias... umas poucas noites... ou sabe-se lá quantos minutos.

Os nossos tantos carnavais...

A volta cansada e desiludida depois que a música parou...

Nada pôde continuar, nem poderia continuar...

E houve algum tempo em que se diria que a alegria seria sem fim.

As tempestades de confete: o suor descendo pelo rosto.

Tantos com medo de serem reconhecidos. Quantos se ocultam atrás da roupagem carnavalesca de seu existir de mentirinha tal qual os mascarados dos bailes dos tempos do Momo.

Os que se sentiram reis e esqueceram, por algum tempo, o aguilhão da angústia e da necessidade.

Os premiados e os desclassificados. Os que sabiam cantar e os que não sabiam dançar.

Os pés-de-samba e pés-de-marcha que no carnaval não há pé-de-valsas.

Quantos puseram seus bonitos blocos nas ruas. E foram porta-estandartes e balizas, mestres-sala e chefes-de-ala.

E os que ficaram apenas nos surdos e fazendo número...

O desfilar de milhões para que uns poucos recebessem a glória efêmera de passarelas mil.

Os blocos de sujeitos as fantasias ricas...

Lantejoulas e cetim, brocados e cetros, vídeos de tevê...

E também o carnaval dos solitários, dos blocos de "eu-sozinho".

Os nossos tantos carnavais.

Carnavais em que não brincamos, mesmo que pensemos fazê-lo...

Carnaval estranho de todos os dias, e cuja pausa única talvez seja aquele que se chama, e não é tanto assim, Carnaval.

Até onde vai o alcance da consciência, com relação ao vestuário interior e exterior!

P. José F. Oliveira, scj

Não adianta falar contra. Melhor é compreender

Desde o longínquo e prístino dia em que a primeira mulher ajeitou o cabelo e as roupas, desde o dia em que o primeiro homem escolheu o tipo de pele ou de pena que mais lhe agradava, o ser humano está irremediavelmente preso à moda e aos seus modos e caprichos.

Temos a mania de imediatamente pensar em alta costura ou em roupas elegantes quando se fala de moda. E não é bem isso que se devia ter em mente. Afinal de contas, se existe algo que não devia ser elitista é a moda. Não há pessoa que não traga em si o senso do belo. E a maioria não apenas gosta de tê-lo dentro: veste-o por fora dos pés à cabeça. Preferência por cor, estampa, estilo, modelo, material, perfume, tudo isso é conquista da criatividade humana. Os animais não tentam modificar o corpo com badulaques. Nem mesmo os símios que imitam seus donos. São como são e o que são. No máximo limpam seu corpo com maior cuidado. Só. Não é assim o ser humano. Este coloca sua personalidade à mostra no que põe sobre o corpo ou na forma como enfeita o cabelo.

Isto posto, insurgir-se contra a moda ou combatê-la de maneira agressiva e quixotesca, só serve para

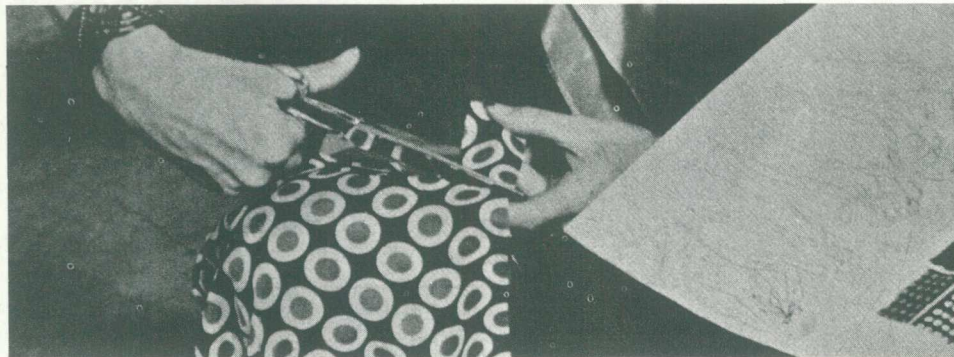
acentuá-la. Deixar de mudar, experimentar, ousar, provocar, esconder ou expor estrategicamente o corpo é o que nem as mulheres, nem os homens deixarão de fazer. Os eventuais excessos quase sempre são respostas a situações de pressão social ou de súbita ou incontrolada descompressão, para a qual poucas pessoas estavam preparadas. A moda revela quase sempre também uma interrogação e um questionamento de valores; mais da parte de quem a cria e promove do que daqueles e daquelas que a vestem.

O cabelo comprido, a minissaia, a máxi, os jeans, o topless e congêneres, tanga e outros caminhos da moda ou anti-moda não traduzem tudo o que sentiram os jovens nesses quinze anos passados, mas fazem parte do quadro de inconformismo da juventude dessas décadas passadas. Nem todos estavam conscientes do porquê de seus cabelos compridos, de suas tangas ou de seus jeans. Talvez até a maioria tivesse entrado na onda porque era onda. Um processo de massificação, contudo, tem raízes profundas no social e mesmo que não saibam dizer porque, os jovens, ainda que massificados, traduzem no seu modo de se comportar

uma reação às circunstâncias em que se acham envolvidos.

Condenar, pois, não leva a nada. Proibir, muito menos. O que é preciso é levar a questionar tanto os valores quanto os contravalores do momento para que o vestir-se seja também um ato consciente para que seja livre e espontâneo. Por paradoxal que pareça, só se veste espontaneamente aquele que sabe porque escolhe esta ou aquela roupa, esta ou aquela aparência. Para tal indivíduo a moda se torna uma expressão da personalidade. Pode-se falar com o corpo e pode-se gritar coisas desconexas com ele. O que se faz necessário é que cada indivíduo seja de fato dono de seu corpo e consciente do que seu corpo significa para si mesmo e para os outros. Ninguém vestirá ou deixará de vestir esta ou aquela roupa por causa de uma proibição. E se o fizer não o fará de maneira madura. Tem que nascer de dentro aquilo que se pretende vestir por fora.

Talvez a tanga, o topless, e as mil e uma variações da moda agridam menos no dia em que as pessoas se aceitarem mais e conviverem no respeito mútuo. Enquanto homem e mulher se sentirem reprimidos e coisificados, reagirão de maneira irracional. E uma dessas maneiras bem pode ser a moda. Se queremos, pois, que nossos jovens usem o corpo não como objeto e sim como sujeito, falemos mais da pessoa humana e menos das coisas que a cercam. A consciência de pessoa é que determinará a justa medida do que vestir e do que deixar de vestir. Um assunto que certamente merece nossa reflexão.



D. Vicente Scherer
Cardeal Arcebispo de P. Alegre

"CONVERTEI-VOS E CREDE NO EVANGELHO"

Dentre tantos debates para se combater a inflação, uma em especial não deve ser esquecida: a inflação moral.



Os entendidos em economia e a experiência pessoal de todos assinalaram e comprovam que a inflação é um problema e um flagelo que suscita crises de suma gravidade na sociedade contemporânea. Ela ameaça destruir as bases do progresso e da tranqüilidade social dos países em que se instala. Desorganiza os orçamentos domésticos das famílias de limitados recursos e provoca dificuldades e tropeços em organizações comerciais e industriais incapazes de prever sempre e de enfrentar as situações decorrentes da instabilidade do mercado. É causa de maiores privações e sofrimentos precisamente para as classes mais humildes e modestas já que os salários difícil e raramente acompanham a alta dos preços que sobem sem parar.

A filosofia social do cristianismo repousa sobre o princípio do bem-comum da coletividade que o poder público, com toda sua complexa e poderosa organização, tem o encargo de assegurar e promover. Os técnicos e profissionais da matéria devem encontrar e propor a forma e os meios mais aptos e eficientes para conseguir o equilíbrio perdido. A solução não se encontra pronta no Evangelho. Não me atribuo nenhuma competência para pesquisar as causas das crises ou indicar caminhos que facilitem o encontro das soluções ansiosamente procuradas.

Outra inflação

Mas a inflação econômica via de regra vai acompanhada de perto pela inflação destruidora de irrecusáveis valores morais que perdem a sua alta cotação e ficam esquecidos ou postergados tranqüilamente. Estas sim encontram remédios nas normas da mensagem de Cristo e nos imperativos da própria consciência humana.

Entre estes valores se destacam a justiça, a honestidade e a defesa dos direitos e dos interesses da população

carecente. Indivíduos ou grupos reduzidos, em geral de amplo poder econômico, manobram os preços do mercado, lucram de forma injustificável, enriquecem da noite para o dia pelo aproveitamento das perturbações econômicas e o remanejamento arbitrário da tabela de custos das mercadorias. Outros retêm os estoques para forçar o encarecimento e auferir vantagens desproporcionais ao capital invertido. Com especulações fazem aumentar e cair o custo das utilidades e dos gêneros na medida de seus interesses e de suas ambições.

Cains

Papa Pio XII empregou palavras duras para condenar as pessoas e as entidades que progridem e se locupletam à custa da fome e da desgraça alheia. Chamou de "novos Cains" os especuladores que ajuntam fortunas por manobras escusas e no mercado negro. "Novos Cains que na imensa calamidade em que se debate a família humana não vêem mais que uma ocasião propícia para enriquecer desonestamente na miséria do seu irmão, elevando indefinidamente os preços para auferir lucros. Vede suas mãos, estão manchadas de sangue, com sangue de suas vítimas, das viúvas e dos órfãos, com o sangue de crianças e adolescentes prejudicados em seu desenvolvimento pela desnutrição e pela fome, com sangue de mil e mil infelizes de todas as categorias do povo das quais se fizeram verdugos com seu mercado. Este sangue como o de Abel, brada aos céus contra os novos Cains".

Merecem louvor as medidas enérgicas do poder público que aplica severa sanção aos faltosos neste terreno inseguro e movediço. Entre os valores morais desprestigiados e menosprezados lembro ainda a sobriedade e certa austeridade de vida. A ânsia desmedida e a busca sôfrega do

prazer, do divertimento, do fausto, da exibição, de possuir e gozar corroem o cerne das nações porque colocam como meta suprema e exclusiva da existência o bem-estar, a fuga de esforço e do sacrifício, o aproveitamento ilimitado do que se pode obter e da intranqüilidade e inveja pelo que não se consegue conquistar. A lei básica do cristianismo é de seguir a Cristo, por seu amor, levando as cruzes e suportando os sacrifícios inerentes à condição humana e à fidelidade aos próprios encargos e compromissos.

Um estilo sóbrio de vida, a moderação no uso dos bens, o combate à idéia pagã e materialista de que o prazer é a lei suprema de existência, a renúncia em aras do bem-estar dos outros se consideram nota inseparável e característica da profissão da fé cristã. Quando sabidamente uma das causas influentes do processo inflacionário se reconhece a carestia energética, o preço do petróleo, parece indispensável que todos, por amor a si e aos outros, restrinjam o mais possível o consumo deste comburento.



Vícios

A concepção hedonista da existência, voltada somente para facilidades e a boa vida, na atual sociedade de consumo tem na publicidade comercial forte e quase incontrastável panigirista e promotor. Seguem-se desta orientação e concepção superficial da realidade outros vícios sociais perniciosos. O luxo, que multiplica exigências desnecessárias de apresentação e leva a gastos superiores à capacidade econômica das pessoas e das famílias, o jogo de azar, que provoca sede febril e ilusória do ganho fácil e perverte a noção cristã do trabalho, causa e recurso de progresso e elevação social e espiritual, além de acarretar a perda dos salários e de eventual patrimônio, a droga, endemia sinistra que contagia de preferência a juventude, o abuso do álcool que produz efeitos perturbadores na vida fisiológica e moral dos viciados, a usura que se prevalece da situação desesperada dos clientes, a fraude e o desrespeito à propriedade, eis a brotação maléfica e pestífera que se alastra nos campos da inflação descontrolada. Infelizmente, tudo isto, com maior ou menor gravidade, se manifesta em todos os níveis econômicos da população, nas vilas dos pobres como nas altas esferas da sociedade e da administração pública. Basta recordar as contínuas denúncias feitas no setor da previdência social.

A extensa e deprimente lista de males sociais e morais elencados evidencia quanto o Evangelho e as virtudes cristãs praticadas, quando existem nas consciências, influenciam a vida política, econômica, social e familiar. Pela austeridade e espírito de sacrifício os indivíduos e as nações se levantam e progridem. Nos estertores do império romano o povo inconsciente e desvairado joga, baila e se diverte, pedindo sempre mais "Panem et circenses", pão e divertimento, enquanto estremece e cedem os alicerces da estabilidade do imponente império mundial.

Faz-se necessária colaboração ampla e empenhada, generosa e inteligente, pessoal e coletiva, com os poderes públicos e a iniciativa particular para combater a inflação econômica e moral, instaurando-se uma ordem política e social que atinja com seus benefícios toda a população do País. E a exortação que nos sugere o espírito da quaresma desde o início na distribuição das cinzas: "Convertei-vos e crede no Evangelho".

Ser Missionário. Por quê?

(João Paulo II responde:)

Porque Cristo quer ter necessidade dos homens,

- de suas pessoas
- de suas inteligências
- de suas energias
- de sua fé
- de seu amor
- de sua santidade.

Porque Ele quer falar aos homens

com nossa voz humana.

Porque Ele quer consagrar a Eucaristia

por meio de homens.

Porque Ele quer perdoar os pecados

por meio de homens.

Porque Ele quer amar

com coração de homens.

Porque Ele quer ajudar

com mãos de homens.

Porque Ele quer salvar

com esforços de homens.



Pense nisto.

Você verá que vale a pena fazer da vida alguma coisa de bom; fazer dela uma extraordinária aventura!

É Cristo quem chama! Falou e disse!

**Missionários Claretianos
(Secretariado Vocacional)
Cx. Postal, 615
01000 — São Paulo**

MENSAGEM PARA A VIDA

Com mais esta parte finalizamos a compilação, extraída dos discursos proferidos pelo Papa Paulo II, por ocasião de sua estadia em nosso país. Procuramos evidenciar o que mais se referiu à pessoa humana em relação à sua dignidade perante Deus e os homens. Ainda muito mais poder-se-ia aflorar de seus discursos, devido a substancialidade. Mas, sirvam estes tópicos aos nossos leitores, de subsídios às reflexões, para as horas oportunas e horas inoportunas, em virtude de sua fácil acessibilidade, fruto de uma burilção, em que permaneceu o essencial de suas mensagens.

documento



TRABALHO DO HOMEM

Devem ter possibilidades de realizar as virtualidades contidas em seu ser, as possibilidades de "ser mais" homem e, ao mesmo tempo, ser tratado de acordo com a sua dignidade humana. Sendo "o trabalho para o homem e não o homem para o trabalho", é exigência fundamental e plenamente respeitosa da sua dignidade que ele possa tirar do mesmo trabalho os meios necessários e suficientes para fazer frente, com decência às próprias responsabilidades familiares e sociais".

"Jamais o homem é "mero" instrumento de produção.

(Homilia na missa em Recife, 7 de julho de 1980).

TRABALHO DE IMIGRANTE

Acolhido sem reticências nem preconceitos, o imigrante retribuiu imediatamente a hospitalidade recebida. Nenhum exagero em dizer que o

Brasil moderno, que eu já pude pulsar de vitalidade em Brasília, no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, São Paulo e Porto Alegre e vejo pulsar aqui, é produto também do trabalho resolutivo, mas livre e alegre, de centenas de milhares de imigrantes. Penso que ao lado de São Paulo e do Rio Grande do Sul, o Paraná é um magnífico exemplo disso. E não há dúvida de que a operosidade do imigrante somando-se à dos brasileiros de longa data, só podia enriquecer com um sentido novo o progresso do País. Seria demais falar de um cunho profundamente solidário e fraternal deste progresso?"

(...) Não foi sempre risonho o quadro da sua vinda para cá. Foi muitas vezes de sofrimentos e agruras a história de cada família e de cada leva que aqui chegou.

(Homilia do Santo Padre em Curitiba, 6 de julho de 1980).

TRABALHO (CONCEPÇÃO CRISTÃ)

(...) Parte da fé em Deus Criador e, mediante Cristo Redentor, chega a edificação da sociedade humana, à solidariedade com o homem. Sem esta visão, qualquer esforço, mesmo o mais tenaz, é carente e caduco. Está fadado a desiludir, a falir. Construam sobre este fundamento. E se lhes disserem que, para defender as conquistas do trabalho, é preciso pôr de lado, talvez até cancelar esta visão cristã da existência, não acreditem. O homem, sem Deus e sem Cristo, constrói sobre areia. Trai a própria origem e nobreza. E, por fim, chega

a prejudicar o homem, a ofender o irmão.

(Aos operários no Morumbi, em São Paulo, 3 de julho de 1980).

TRABALHADORES

A Igreja proclama e sustenta estes diversos direitos dos trabalhadores, porque está em jogo o homem e sua dignidade.

(Aos operários no Morumbi, em São Paulo, 3 de julho de 1980).

A construção da sociedade não é tarefa só daqueles que controlam a economia, a indústria ou a agricultura. É também com o vosso suor que construí a sociedade, para os vossos filhos e para o futuro. Se tendes o direito de dizer a vossa palavra sobre a atividade econômica e industrial, tendes também o dever de orientá-la segundo as exigências da lei moral, que é justiça, dignidade e amor.

(Aos construtores da Sociedade Pluralista, Salvador, 7 de julho de 1980).

UNIÃO (DOS BISPOS)

É importante que, em comunhão com vossos presbíteros, envideis todos os esforços para uma sadia renovação litúrgica em vossas dioceses, evitando por uma parte um apego injustificável e formas litúrgicas que foram úteis no passado mas não teriam hoje maior sentido, e, por outro, lado, os abusos litúrgicos (...)

"Com notável insistência e, em vários documentos, o Concílio Vaticano II diz de nós pastores que somos sacramentos — sinais e artífices — de comunhão. Ele sublinha com isso uma dimensão essencial de nosso ministério: a de convocar os que estão dispersos, reunir os que estão separados, construir assim a Igreja e mantê-la na unidade, malgrado todas as forças de ruptura e de desunião.

(Ao episcopado em Fortaleza, 9 de julho de 1980).

UNIÃO (AOS BISPOS)

Vivei o mistério da unidade da Igreja, permanecendo unidos aos vossos bispos. "como as cordas à cítara", para retomar a expressiva comparação de Santo Inácio de Antióquia.

Este é o segredo da fecundidade apostólica do presbítero.

(Saudação aos fiéis em Porto Alegre, 4 de julho de 1980).

UNIVERSALIDADE (UNIDADE DA FAMÍLIA)

A família brasileira, a família humana e a família dos filhos de Deus — vós representais bem a universalidade da Igreja.

(Aos Poloneses no Estádio Couto Pereira, em Curitiba, 5 de julho de 1980).

VALOR SACERDOTAL

O chamado de Deus, meus caros seminaristas, é verdadeiramente sublime, pois se refere ao serviço mais importante do povo de Deus. É o sacerdote quem torna sacramentalmente presente entre os homens a Cristo, o Redentor do homem. "Dele depende tanto a primeira proclamação do Evangelho, que reúne a Igreja, como a incessante renovação da Igreja reunida" (Sínodo dos Bispos,

documento sobre o sacerdócio ministerial). Se viesse a faltar a presença e a ação daquele Ministério, que se recebe pela imposição das mãos, faltaria à Igreja a plena certeza da própria fidelidade e da própria continuidade visível. Anunciando o Evangelho, guiando a comunidade, perdendo os pecados e, sobretudo, celebrando a Eucaristia, o sacerdote torna presente Cristo-cabeça no exercício vivo da sua obra redentora. Ele age "in persona Christi", ele faz as vezes de Cristo, quando derrama e renova existencialmente nas almas a vida do espírito.

(Aos seminaristas em Aparecida, 4 de julho de 1980).

VERDADE

Sede mestres da verdade, desta verdade que o Senhor quis nos confiar, não para escondê-la ou enterrá-la, mas para proclamá-la com humildade e coragem, para promovê-la, para defendê-la quando ameaçada.

(Ao episcopado em Fortaleza, 9 de julho de 1980).

VIDA CONTEMPLATIVA

Por isso, a vossa vida contemplativa é absolutamente vital para a Igreja e para a humanidade, não obstante a incompreensão ou mesmo oposição que às vezes transparece no pensamento moderno, na opinião pública e, quem sabe, em certas franjas mal esclarecidas do cristianismo. Nesta certeza, vivei na alegria a radicalidade da vossa condição absolutamente original: o amor exclusivo do Senhor e, n'Ele, o amor de todos os vossos irmãos em humanidade. Aplicando vossa capacidade de amar na adoração e na prece, a vossa própria existência grita silenciosamente o primado de Deus, atesta a dimensão transcendente da pessoa humana e leva os homens, as mulheres e os jovens a pensar e a interrogar-se sobre o sentido da vida.

(Às religiosas e irmãs contemplativas no Ibirapuera, São Paulo, 3 de julho de 1980).

VIDA HUMANA

A Igreja não quer omitir-se quando se trata de fazer que "a vida humana se torne cada vez mais humana" e de conscientizar "para que tudo aquilo que compõe esta mesma vida corresponda à verdadeira dignidade do homem". (Enc. Redemptor Hominis. N.º 14).

(Homilia da missa em Recife, 7 de julho de 1980).

VIDA RELIGIOSA

A vida religiosa, ensina o concílio, não se coloca na Igreja no plano das estruturas institucionais (não é um grau hierárquico nem se acrescenta como um terceiro elemento entre os pastores e os leigos) mas na linha dos carismas e mais exatamente no dinamismo daquela santidade que é a vocação primordial da Igreja. (...)

Esta consagração total significará para ele a libertação mais profunda e genuína, mais plena, que o levará à maior comunhão com Deus e com os irmãos, maior participação na vida divina e na comunidade dos homens, a começar pela comunidade dos que com ele procura a face de Deus. Esta consagração total traz consigo, como



Para João Paulo II, sua peregrinação se fundamentava numa especial devoção à Virgem Maria.

conseqüência, uma disponibilidade total.

(Aos religiosos, no Colégio Santo Américo, 3 de julho de 1980).

VISÃO DO HOMEM

Talvez uma das mais notáveis debilidades da civilização atual esteja numa inadequada visão do homem. A nossa é, sem dúvida, a época em que mais se tem escrito e falado sobre o homem, a época dos humanismos e do antropocentrismo. E no entanto, paradoxalmente, é também a época das profundas angústias do homem com respeito à sua própria identidade e destino, do rebaixamento do homem a níveis antes insuportados, época de valores humanos conculcados como jamais o foram antes.

(Aos construtores da Sociedade Pluralista, 7 de julho de 1980).

VOCAÇÃO SACERDOTAL

Toda vocação faz parte de um desígnio divino muito amplo, em que cada um dos chamados tem grande importância. O próprio Cristo, verbo de Deus, o "chamado" por excelência, "não se arrogou por si a honra de se tornar sumo sacerdote, mas

recebeu-a Daquela que lhe disse: "Tus és meu filho, e hoje te gerei" Sl. 2,7, e em outra passagem, igualmente diz: "Tus és sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedec" Sl. 110,4 (Heb 5,5)". (...)

A vocação é, pois, um mistério que o homem acolhe e vive no mais íntimo do seu ser. Dom e graça, ela depende da soberana liberdade do poder divino e, na sua realidade plena, foge à nossa compreensão.

(Aos vocacionados no "Gigantinho", em Porto Alegre, 5 de julho de 1980).

As vocações para o sacerdócio devem ser o sinal da maturidade das comunidades e devem manifestar-se também como conseqüência da floração dos ministérios confiados aos leigos e de uma oportuna pastoral familiar que prepara para escutar a voz de Deus.

(Aos representantes do CELAM, no Rio de Janeiro, 2 de julho de 1980).

VONTADE DE DEUS

Vontade de Deus é que cada homem atinja o melhor possível sua

plena estatura humana. Voltai-vos pois para Ele, Pai bom e providente (cf. Mt. 6,25 e 7,11), para buscar n'Ele não um alibi à inércia e à passividade, mas a coragem para continuar vossos esforços. (...)

É dever do homem recorrer a medidas concretas e eficazes para a promoção e o desenvolvimento solidário de todos. A solidariedade que deve cada vez mais substituir as ideologias do egoísmo, da prepotência e do interesse de pessoas e grupos, levará todos quantos têm uma parcela de responsabilidade político-social a ir ao encontro dos que necessitam de ajuda. Esta solidariedade, valiosa já no plano humano, cresce no plano cristão ao considerar que todos os homens são iguais aos olhos de Deus: "Filhos deste Deus" (Jo. 3,2) a quem chamam de Pai (Gal. 4,6) e portanto irmãos uns dos outros (Mt. 23,8).

(Ao povo do Piauí, em Teresina, 8 de julho de 1980).

ORGANIZAÇÃO E ELABORAÇÃO

Cláudio Gregianin
Avelino de Godoy.

Para todos os que acompanharam com interesse pelos jornais, revistas, rádios ou TV a peregrinação de S.S. o papa João Paulo II no Brasil;

Para todos os que ouviram com fé suas palavras de calor humano, de paz e de apelo à justiça;

Para todos os que se emocionaram com o carinho do nosso "João de Deus";

Para todos os que não querem esquecer-lo;

A Editora Ave Maria lançou um livro contendo, na íntegra, todos os discursos, desde sua chegada até sua despedida em nossa pátria.

Aproveite, você merece!



"DISCURSOS DE JOÃO PAULO II NO BRASIL"

185 Páginas — Preço: Cr\$ 207,00

(Para pedidos de 5 exemplares 10% de desconto)

Pedidos por reembolso postal à

LIVRARIA AVE MARIA (Telefones: 66.0582 e 825.0700)

Caixa Postal 54.215

CEP 01227 SÃO PAULO, SP

Peço enviar-me exemplar(es) pelo reembolso postal.

Nome _____

Endereço _____

CEP _____ Cidade _____ Est. _____

"Mensagem às famílias cristãs no mundo contemporâneo"

Documento Oficial do V Sínodo dos Bispos, reunidos em Roma (de 26 de setembro a 25 de outubro de 1980), sobre o tema: A Missão da Família Cristã no Mundo Contemporâneo.

Parte final (n.ºs de 16 a 21).

V. A Igreja e a Família

16. Durante este Sínodo, cada dia, compreendemos mais profundamente o dever próprio da Igreja de encorajar e ajudar os casais e as famílias. Nós mesmos nos dedicamos mais intensamente que antes a este dever.

17. Interessa muito à Igreja fomentar o apostolado ou o ministério familiar. Com estas palavras compreendemos o trabalho de todo o Povo de Deus por meio das comunidades locais, principalmente com a ajuda de pastores e de leigos que se dedicam à pastoral familiar. Estes, actuando com os indivíduos, casais e famílias, ajudam-nos a viverem mais plenamente a sua vocação conjugal. Este ministério compreende a preparação para o matrimônio; a ajuda aos esposos em todas as fases da sua vida conjugal; programas catequéticos e litúrgicos adaptados às famílias; assistência aos casais sem filhos, às famílias carentes do pai ou da mãe, às mães abandonadas, às viúvas, aos esporos separados e divorciados e, em particular, às famílias e aos casais que vivem em condições de pobreza, por causa de tensões espirituais, de impedimentos físicos ou psicológicos, que sofrem pelo abuso de drogas e de bebidas ou por causa das dificuldades surgidas das diversas formas de emigração ou de outras circunstâncias que ameaçam a estabilidade familiar.

18. O sacerdote tem uma tarefa singular no ministério familiar. Compete-lhe oferecer às famílias o alimento e o consolo da Palavra de Deus, dos sacramentos e de outros recursos espirituais, bem como humana e pacientemente fortificá-las nas suas dificuldades e confortá-las com caridade, para que se formem famílias que sejam verdadeiramente focos de luz (cf. *Gaudium et Spes*, 52). Fruto precioso deste ministério deveria ser, entre outros, o florescimento de vocações sacerdotais e religiosas.

19. A Igreja, falando do plano de Deus, tem muito que dizer aos homens e às mulheres sobre a sua essencial igualdade e complementariedade dos sexos, assim como sobre as diferenças de carismas e deveres dos cônjuges na vida matrimonial. Marido e mulher são certamente diferentes, mas também iguais; as diversidades devem ser respeitadas e nunca utilizadas para justificar o domínio de um sobre o outro. Em colaboração com a sociedade, a Igreja deve afirmar e defender eficazmente a dignidade e os direitos da mulher.

VI. Conclusão

20. Ao término desta nossa mensagem, queremos dizer-vos, irmãos e irmãs, que estamos plenamente conscientes da fragilidade da nossa condição humana. Não ignoramos de modo algum a situação muito difícil e verdadeiramente dolorosa de tantos esposos cristãos que, embora querendo observar as normas morais ensinadas pela Igreja, se sentem incapazes de colocá-las em prática pela própria debilidade perante as dificuldades. Nós todos, porém, devemos valorizar a doutrina e a graça de Cristo e viver sob a sua luz. Assim também os esposos, ajudados e acompanhados por toda a Igreja, devem crescer no difícil caminho para maior fidelidade aos mandamentos do Senhor. "O caminho dos esposos, como toda a vida humana, conhece etapas e momentos difíceis e graves... Mas deve-se dizer publicamente: Jamais a angústia e o medo deveriam aninhar-se nas almas de boa vontade, porque, enfim, o Evangelho não é também para as famílias uma Boa-Nova, uma mensagem que, embora exigente, é também profundamente libertadora? Tomar consciência de que ainda não se conquistou a liberdade interior, mas se está submetido ao impulso das próprias inclinações e descobrir-se como incapaz de respeitar imediatamente a lei moral num campo tão fundamental, suscita naturalmente uma reação de desânimo. Mas é o momento decisivo em que o cristão, na sua perturbação, em vez de se abandonar a uma revolta estéril e destrutiva, chega pela senda da humildade à descoberta desconcertante de si mesmo diante de Deus, considerando-se um pecador na presença do amor de Cristo Salvador" (Paulo VI, *As Equipes de Nossa Senhora*, 4 de maio de 1970, AAS 62, 1970, 435-436).

21. Tudo o que dissemos sobre o matrimônio e a família, pode ser resumido em duas palavras: amor e vida.

Ao concluir este Sínodo, convidamo-vos, irmãos e irmãs, a crescerdes no amor e na vida de Deus. Com humildade e reconhecimento, pedimo-vos as vossas orações por que também nós possamos crescer juntamente convosco.

Queremos terminar esta nossa mensagem para vós com as palavras de São Paulo aos Colossenses: "Mas, acima de tudo, revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição. Reine nos vossos corações a paz de Cristo, para a qual fostes chamados a fim de formar um único corpo. Sede agradecidos" (Col. 3, 14-15).

SE QUERES PAZ, PÕE ORDEM EM TUA VIDA

“O Reino de Deus não consiste em comida e bebida, mas é justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Rm 14,17).

Oportuna observação do Apóstolo Paulo, nesta temporada de festas, de férias e carnavais, quando é mais fácil perder a paz, em meio a excessos e agitações.

Palavras igualmente atuais, as de outro apóstolo Paulo, o nosso querido Papa João Paulo II, em sua recente mensagem comemorativa do 14.º Dia Mundial da Paz (1.º de janeiro), reportando-se à Encíclica “Pacem in Terris” (n.ºs 37 e 45), do saudoso Papa João XXIII, e recordando ao mundo que a casa da paz assenta sobre quatro pilares: o amor (tema do Dia Mundial da Paz de 1971), a justiça (1972), a verdade (1980) e a liberdade (1981).

Eis aí um programa de vida e de ação, para homens e nações de hoje, tão desejosos quão necessitadas de paz.

A paz! Ora, a paz!

Nunca se falou tanto em paz! Jamais ela esteve tão longe de nós!

Nos indivíduos, desenfreadas ambições e desordenadas buscas do ter violam direitos e legítimas aspirações do próximo, impedindo o “amplexo da justiça e da paz” (Sl 84,11).

Nas relações internacionais, uma retórica vazia, quando não cínica, inflaciona cada dia mais esse vocábulo, enquanto se promove a guerra. Guerra de almas e de armas. Nascida de mentiras e de gritantes injustiças; do sufoco das liberdades fundamentais do homem; de ambições insaciáveis de nações prepotentes, que negam o legítimo direito dos povos ao progresso, esquecidas de que “o desenvolvimento é o novo nome da paz” (Paulo VI, “Populorum Progressio”, 87).

Diariamente, o que vemos na TV? Qual o panorama do mundo moderno? Guerras e rumores de guerras: em palavras, ações e omissões. Assaltos e homicídios. Guerrilhas entre



homem e mulher; entre as gerações.

Muitos, há muito, não conhecem paz. E como poderiam aprender a conviver em paz? Não têm paz em si mesmos, nem em suas relações com o próximo e com o mundo exterior.

E os sociólogos denunciam: violência e erotismo — o “gun and girl” de Hollywood — continuam sendo as duas características da Cultura de Massa, o fenômeno maior do nosso tempo, dos nossos dias sem paz.

Não disse o profeta: “não há paz para os ímpios”? (Is 57,20).

O que é a paz!

A paz é aspiração fundamental de todo ser humano. Tanto a paz interior, psíquica e moral, quanto a paz exterior, a paz social.

São duas dimensões de uma mesma e dinâmica realidade, cuja essência é a ordem. Ordem dentro do homem e ordem das coisas fora dele. Pois o ser humano atinge a paz somente quando põe ordem em sua vida. Quando ordena tudo o que é e tudo o que tem.

A paz, pois, decorre da ordem existencial humana, como uma perfeita ordenação dos elementos de um todo. Por isso, retomado o pensamento de Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino definiu a paz como

a tranquilidade da ordem que todos e tudo anseiam (S.Th. I-II, 29,2).

À luz da fé, a paz sugere a idéia de uma plena realização humana, mais abrangente que a segurança jurídica e política da “latina Pax” (de “pactum”) e que a harmoniosa convivência social da “heirene” grega.

Na Bíblia, o vocábulo-chave hebraico “Shâlôm designa a paz total, a felicidade plena do homem que vive em harmonia com seu Deus-Criador, consigo mesmo e com a natureza inteira. Significa, ao mesmo tempo, dom e graça, bênção e repouso, glória e riqueza, bem-estar e vida, na salvadora Aliança com Javé.

O “Príncipe da Paz” (Is 9,5)

Assim o profeta pronunciou Jesus, o Salvador de Israel. “Ele é a nossa Paz” (Ef 2,14). Veio trazer-nos a sua paz; não a falsa paz do mundo.

Sua paz é ordem e equilíbrio interior e exterior; é felicidade e salvação. Porém, será sempre, antes de tudo, um dom do Pai, a ser pedido na prece; a ser cultivado no empenho de cada dia.

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo — a desordem de nossas vidas — dai-nos a vossa paz! Pondo ordem em nosso mundo interior e exterior!

Bem-aventurados os pacíficos!

Jesus chamou felizes os pacíficos e os pacificadores: "serão chamados filhos de Deus" (Mt 5,9).

Pacíficos e pacificadores foram também os Santos de Deus, que conquistaram, cada dia, e conservaram a paz em seu interior, constantemente orientados para Deus, o Sumo Bem.

Ordenados em sua vida, palavras e ações, souberam viver e transmitir a paz do Cristo aos seus irmãos.

Como São Francisco de Assis, "arauto do Príncipe da Paz, irmão do Sol e de todas as criaturas", que viveu na paz, transbordou paz fraterna a todos os seres e coisas e proclamou no seu "Cântico das Criaturas": "Abençoados sejam os que em paz se conservam; pois, Altíssimo Senhor, haveis de coroá-los!"

Nossas famílias vivem em paz?

Algumas, sim! Outras, não!

Alguns maridos e pais nada aprenderam, ainda, daquela paz, que é, antes de tudo, um dom que se obtém de Deus. Fruto da justiça e da retidão do coração. Dado somente "aos homens que Ele ama" (Lc 2,14).

Algumas esposas e mães ainda não entenderam que é preciso conquistar e cultivar a paz, diariamente. Fazendo as pazes consigo mesmas; com o próximo (marido e filhos são

os próximos mais próximos) e com Deus, no íntimo de seus corações.

Alguns filhos e jovens não se decidiram, ainda, a dialogar com seus pais e irmãos, e acabar com desgastantes guerrilhas em família.

Alguns parentes não vêem que, no Cristianismo, o mais valente é aquele que reinicia o diálogo e, por primeiro, estende a mão, num gesto de perdão e de reconciliação.

Alguns amigos não sabem que um coração pacífico e pacificador é como uma porta sempre aberta e acolhedora, à espera de filhos pródigos que, um dia, hão de voltar.

Quando nossas famílias — ao menos as famílias cristãs — começarão a levar a sério essa urgência cristã de viver na paz, para que outras famílias possam dizer delas: vede como se respeitam e se amam?!

Aconchego de lar

É preciso que, ao fim de cada dia de trabalho, todos possam retornar a casa e encontrar, no lar, um aconchego de paz. "Home, sweet home", dizem nossos irmãos da América do Norte.

Ao cair da tarde, que cada família receba e envolva carinhosamente cada um de seus membros, e o repouse do mundo (J. Guitton).

Este o desejo da Mãe-Igreja, na prece de seus sacerdotes, ao visitarem um lar cristão, para abençoá-lo: "Paz para esta família! Paz para todos os que moram nesta casa!"

REVISTA AVE MARIA — 1980 VOLUME ENCADERNADO

Num determinado dia Você gostaria de reler algum artigo da sua Revista AVE MARIA, ou mostrá-la a uma visita... Mas, nem sempre Você consegue que cada número da sua Revista continue sempre limpo, em perfeito estado. Basta um descuido, um vento, um chão molhado, esses adoráveis filhinhos irriquetos e curiosos, e... Há diversas outras razões, caro leitor, para Você ter em sua casa a "AVE MARIA" encadernada e bonita com seus artigos que tanto ensinam e suas orientações sadias e permanentes.

Peça hoje mesmo o belíssimo VOLUME ENCADERNADO — AVE MARIA 1980, completo, ao preço especial para assinantes — Cr\$ 850,00 incluído o porte. Envie seu pedido, enquanto é tempo,

À Revista AVE MARIA
Caixa Postal 615
CEP 01000 SÃO PAULO, SP

Desejo receber a coleção completa encadernada da Revista AVE MARIA — 1980.

Nome

Rua

CEP Cidade Est

Estou enviando o pagamento por CHEQUE , pagável em São Paulo ou por VALE POSTAL a ser pago no Correio de S. Paulo Agência Central.

Bancos, altares e móveis para igrejas.
Diversos modelos.

Só fabricamos em embuia maciça de primeira qualidade, não trabalhamos com aglomerados ou compensados.

Só trabalhamos com madeira seca (com secagem de 3 a 5 anos).

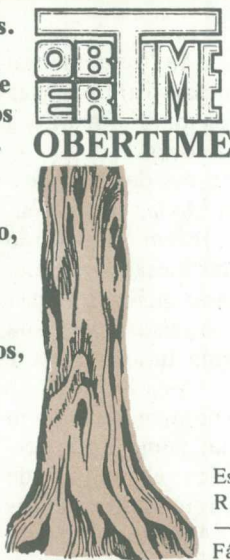
Desfrutamos de maquinário moderno, técnica altamente especializada.

Venda direta da fábrica.

Transporte próprio.

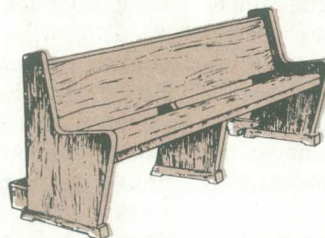
Não aceitamos pagamentos adiantados, somente após a entrega.

Consulte-nos sem compromisso.



INDÚSTRIA DE BANCOS PARA IGREJA GENERAL CARNEIRO, PR

FÁBRICA DE ALTARES, BANCOS
E MÓVEIS PARA CAPELAS E IGREJAS



Peça catálogo ou um banco para demonstrações, ou solicite a visita de nosso representante.

Escritório, Depósito e Exposição:
R. Vieira de Moraes, 1237 - Aeroporto - CEP 04617 - São Paulo, SP.
— Salas de 1 a 6 - (Fones: 241.1563 e 241.1718)
Fábrica: General Carneiro, PR

CARNAVAL

Carnaval, diversão ou fuga?

A palavra "Carnaval" deriva provavelmente da expressão latina "carnem levare", isto é, dizer adeus à carne, suspender (levare) o emprego deste alimento proibido na *Quaresma*. Outros autores dizem que "Carnaval" vem de "carrum novalis", isto é, os festejos romanos que se faziam nesta época do ano.

O certo é que essas festas se realizavam desde a mais remota antiguidade no Egito, na Grécia, em Roma, etc.

Nos primeiros tempos do Cristianismo, a Igreja tentou dar um novo espírito a essas festividades, inclusive fixando-lhes a data para os três dias que precedem a *Quarta-feira de Cinzas*, como que alertando os cristãos para que dissessem adeus à carne, festejando-a à vontade. Acontece, porém, que o povo foi além das medidas. Considera esse tempo como o festim das paixões à solta, da veneração da carne. Organizam-se bailes provocantes, cria-se um ambiente sensual, dengoso e provocante. Deixou de ser alegria cristã para voltar a ser alegria pagã. Isso não é alegria, mas delírio. O carnaval é a festa da decadência dos costumes, da libertinagem à solta. O *Carnaval* é o desafogo anual das tendências daqueles que gostariam de fazer da vida um *Carnaval* constante, perene e duradouro.

Para muitos, o *Carnaval* é exatamente o que o poeta inspirado retratou nestes versos:

Dizem ser o Carnaval

Este festim bacanal,

Em que se gastam milhões

Corrompendo multidões,

Numa algazarra que é louca

Onde a vergonha é bem pouca...

O *Carnaval* é uma ótima oportunidade de desrecalar, de retirar a máscara; uma chance da pessoa ser ela mesma, espontânea; serve de descarga para as tensões acumuladas durante um ano inteiro, no qual as pessoas procuram sempre alguma coisa; é a ocasião para se "largar o corpo" e esquecer as preocupações da vida... São os homens que com mais frequência reprimem os impul-

sos básicos da agressividade e da sexualidade.

No *Carnaval* existe a possibilidade deles darem vazão a esses dois impulsos de maneira socialmente aceitável! A agressividade é destilada em forma de divertimento, atirando talco, água, confete e serpentina. A sexualidade, através das mulheres com o mínimo de roupas possível...

No *Carnaval*, os apelos eróticos constituem a base da folia. As pessoas exibem seus corpos seminus, beijam-se, agarram-se, abraçam-se, sem constrangimento algum. O *Carnaval* tira a inibição diminuindo e até suspendendo a censura. Contribuem também para isso as letras das músicas que estimulam nossas emoções primitivas; o consumo excessivo de bebidas alcoólicas que atuam sobre o cérebro, diminuindo a censura; o ambiente das ruas e dos salões decorados de forma a incentivar a alegria coletiva que contagia a todos — a emoção se transmite fácil e rapidamente.

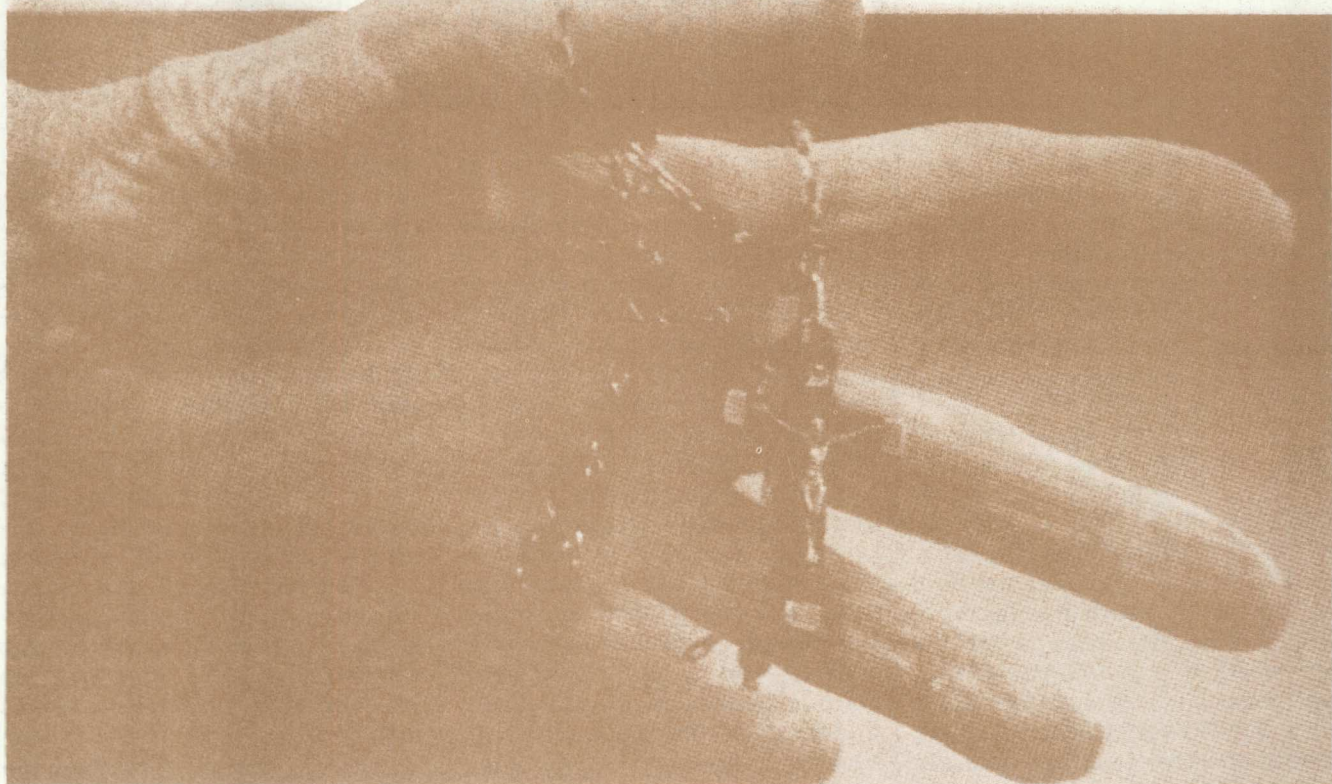
No Brasil — terra do *Carnaval* e do *Futebol* — as pessoas aguardam o *Carnaval* com angústia, na expectativa de quatro dias de descontração absoluta para encontrar uma fuga das tensões do cotidiano. Pensam encontrar uma orgia total, muita bebida, muitas mulheres. Mas a realidade é outras, as mulheres não são tantas quantas se esperava. Então o que resta é a bebedeira, ou os entorpecentes para desinibir, ou simplesmente para chegar na *Quarta-feira de Cinzas* e poder dizer aos amigos: "Rapaz, que farra! Enchi a cara nos quatro dias!" A bebedeira é própria das pessoas que não sabem se divertir ignorando que isso é apenas embrutecimento!

A preocupação de despir-se sucede à de se apresentar fantasiado rica e lindamente. As canções carnavalescas têm agora letra solta, despudorada, ao contrário de décadas atrás. A própria dança acabou, cedendo lugar a um agarramento atrevido, insólito, luxuriante ao contato livre e libidinoso dos foliões. O *Carnaval* de hoje é verdadeiramente a festa da carne, da

sensualidade, não mais do namoro; do instinto desenfreado e sem limites, e não do amor; da promiscuidade total sem seleções, sem distinções; do vício, enfim, e não do divertimento são. Os foliões de hoje não brincam, mas brigam com a tristeza; expandem-se irresistivelmente pelas avenidas, ruas e salões, vingando-se das suas frustrações do ano todo. Mexem como querem, requebram-se, bamboeiam, gingham, contorcem-se, alastram-se como uma poderosa torrente em dia de vendaval, de temporal... Não têm dinheiro para fantasia e serpentinhas; inventam qualquer coisa para substituí-las; borram o rosto de carvão ou graxa, envergam um trapo colorido, ou a camisa de seu time preferido; transformam um velho cabo de vassoura encontrado numa lata de lixo em estandarte — para serem diferentes do que são, fora da época do *Carnaval*.

Interessante é notar que, na época em que o *Carnaval* era mais sadio, isto é, menos escandaloso do que hoje, os colégios católicos de São Paulo se enchiam de Congregados Marianos, de Filhas de Maria, a fim de fazerem um *retiro*. À frente desse piedoso costume, que não vingou, infelizmente, encontrava-se sempre a figura gigantesca, ímpar, do jesuíta *Padre Irineu Cursino de Moura!* O tema das palestras era sempre o mesmo: *os novíssimos!* Em cada dia sucediam-se oradores sacros dos mais famosos para falar sobre *a morte, o juízo, o inferno e o paraíso!* O *retiro* terminava na manhã de *Quarta-feira de Cinzas* com uma Missa campal em plena Praça da Sé. Que belo espetáculo! Hoje... Não há mais colégios católicos; não há mais Congregações Marianas, nem Filhas de Maria... nem *retiros!*

Doloroso, triste, por que não dizê-lo? Será que faltam líderes? Será que faltam pregadores sacros? Será que a meditação sobre os grandes problemas da vida do homem caiu de moda? Ou será que o Cristianismo, o Catolicismo ainda não penetrou fundo na vida dos cristãos do Brasil?



Maria do Carmo Fontenelle

História de uma Igreja

A construção de uma igreja na Polônia é um exemplo comovedor de amor e de fé. A igreja foi edificada na "Cidade do Aço", Nowa Huta, nas proximidades de Cracóvia. É um subúrbio industrial de aparência monótona e fria, com ruas de casas pré-fabricadas, todas iguais e acinzentadas. O destaque surpreendente da cidade, é a magnífica igreja de pedras, cujo telhado faz lembrar uma Arca de Noé. Bem no alto há uma cruz semelhante a um mastro de navio, onde está fixada uma coroa! É dedicada à Virgem Maria Rainha da Polônia ou Virgem de Czestochowa, (a Madona Preat).

De acordo com os dirigentes comunistas, da era de Stalin, a cidade não precisava de igreja nova, porque a era ateuista estava

para começar. Eles (os comunistas) tinham planos para o local, como teatros, centros de recreação, centros comerciais e centros médicos, facilidades que (pela opinião deles) preencheriam todas as necessidades e aspirações dos poloneses.

A previsão falhou, no entanto, porque os trabalhadores que chegavam do interior do país, começaram a sentir muita falta de igrejas. Reclamaram sem cessar durante 17 anos: suplicando, rezando, trabalhando desafiando rosários e mais rosários e assistindo a Missas nas capelinhas superlotadas. Até que em outubro de 67, em seguida a uma greve, a permissão foi concedida, mas negaram qualquer ajuda financeira, certos que aquele povo pobre nada conseguiria. Eles não contaram

com a fé e o entusiasmo dos poloneses.

Seguindo o exemplo do Padre Gotzlany, começaram a catar pedras nos riachos que desciam das montanhas próximas e que podiam ser usadas na construção. Começaram com pequenos grupos, depois as famílias aderiram organizando excursões e piqueniques nas montanhas. Homens, mulheres, crianças, pais, avós e netos faziam questão de trazer pelo menos, uma pedra cada um.

Aos poucos acabaram enchendo a praça com montanhas de pedras. Muitos voluntários viajavam de longe para passar suas férias em Nowa Huta, trabalhando na construção. Outros aproveitavam seus fins-de-semana para colaborar. De todo o país começaram a chegar contribuições.

O Padre Gotzelany foi a Roma e obteve do Papa Paulo VI uma pedra do sepulcro de São Pedro pa-

ra colocar como pedra fundamental da nova igreja.

Durante os anos de construção, em todos os Natais, o então cardeal Karol Wojtyla fazia questão de celebrar a Missa na Igreja incompleta. Nos primeiros anos a celebração era a céu aberto, com a temperatura abaixo de zero, algumas vezes na chuva, quase sempre debaixo de neve, mas sempre com grande assistência. A presença dos fiéis não o deixava desanimar e a presença dele, de pé em baixo da neve, fazia o povo redobrar os esforços para terminar logo o teto.

Depois de dez anos de imenso trabalho voluntário, a consagração da nova igreja aconteceu no dia 15 de maio de 1977.

A vitória conquistada por esse grupo de cristãos poloneses foi também a vitória de todos nós, cristãos, e um triunfo para a Igreja Universal!



Empadão da mama

Massa:

2 xícaras de maisena
2 xícaras de farinha de trigo
1 colherinha de sal
1 colherinha de fermento
300g de manteiga ou margarina
1 ovo
1/2 xícara de água

Recheio:

1 frango
3/4 de xícara de óleo
2 cebolas raladas
2 dentes de alho
4 tomates maduros picadinhos
1 pimentão verde picado
1 pimentão vermelho picado
cheiro verde, sal e pimenta ao paladar
2 xícaras de água quente
1 xícara de leite
4 colheres de maisena
1/2 xícara de azeitonas verdes picadas

Massa:

Passa na peneira os ingredientes secos. Junte os restantes e amasse com as

mãos até formar uma bola. Cubra com um pano e deixe descansar 3 horas.

Recheio:

Corte o frango em pedaços e frite até dourar. Junte cebolas, alho, tomates, pimentões e cheiro verde. Tempere ao paladar. Junte a água e cozinhe em fogo moderado até amaciar. Retire os pedaços e desosse. Se não restar 1 xícara de caldo na panela, complete com a água. Junte o frango desfiado, a maisena dissolvida no leite e as azeitonas. Volte ao fogo para engrossar e deixe esfriar.

Abra a massa, na espessura de 1/2 cm. Forre a metade de uma forma de abrir, recheie e cubra com a outra metade da massa, umedecendo as beiradas para unir bem. Enfeite à vontade com sobras de massa, pincele gema e asse em forno moderado, 30 minutos. Dá 6 a 8 porções.

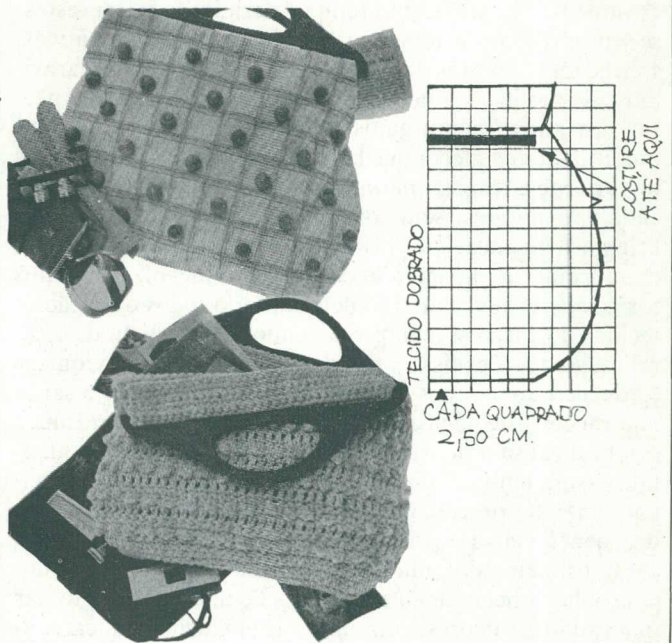
Bolsa prática

Trabalho fácil que pode ser variado de mil maneiras, usando crochê com linha grossa ou tecido forrado. Fica fofinha com uma entretela de espuma.

Você vai precisar de um par de alças de madeira de 10x30 cm (ou menores) que encontra nas casas especializadas, e mais tecido ou linha grossa e agulha de crochê.

A primeira bolsa é toda em crochê com ponto vistoso ao seu gosto. A segunda pode ser em crochê, ponto fechado, ou tecido liso, pespontada em quadradinhos com um botão bolinha em cada centro.

Para ampliar basta reproduzir o desenho sobre quadradinhos de 2,5 cm. Ficarà com 37x44 cm. Se quiser pode diminuir um pouco, calculando tamanho de acordo com as alças.



Refeições sem monotonia

Comer bem não é nenhum mistério nem privilégio dos milionários. Nem sempre variar os cardápios depende de gastar mais. Podemos variar, usando imaginação, sem esquecer os valores nutritivos.

A **Torta**, por exemplo: Qualquer ingrediente, quando assado entre camadas de massas, com decoração de legumes coloridos,

pode se transformar em "especial".

Há massas fáceis, que convém experimentar, como essa a seguir, que dá excelente torta, (doce ou salgada) além de pãezinhos, tortinhas e pizzas recheadas com sobras de carne, legumes e queijos.

Ingredientes:

3 xícaras de farinha de trigo
2 colheres de fermento em pó

1 colherinha de sal
1 colherinha de açúcar
6 colheres de óleo
12 colheres de leite (ou mais se ficar dura)
1 gema de ovo

Peneire todos os ingredientes secos, três vezes, para que fiquem completamente misturados (isto é muito importante). Junte o óleo e esfarele com as pontas dos dedos até ficar uma farofa úmida por igual.

Dissolva a gema no lei-

te e despeje aos poucos sobre a farinha, mexendo com um garfo. Deve ficar como um esponja. Não amasse com as mãos e trabalhe o mais rapidamente possível. Forno quente, pré-aquecido (220.º) 20 minutos.

Pode preparar com antecedência e guardar na geladeira para servir pãezinhos quentes ou torta assados na hora, no dia seguinte.

Parte de uma série de artigos sobre o alcoolismo. O autor, Dr. Lazo, sociólogo, engenheiro industrial e diretor da REINDAL (Centro de educação e tratamento para alcoólatras), é, ele mesmo, um alcoólatra recuperado há mais de quinze anos.

Donald Lazo

Quais os sintomas do alcoolismo?

Embara os sintomas visíveis geralmente aparecerão só depois de 5 a 10 anos, a doença do alcoolismo começa a desenvolver-se a partir do momento em que determinadas pessoas — suscetíveis ao álcool — tomam sua primeira bebida alcoólica. Processos orgânicos nos corpos dessas pessoas — que representam 10% a 20% de todas as pessoas que bebem — produzirão os seguintes efeitos: (1) Quando ingerirem bebidas alcoólicas, elas se sentirão altamente estimuladas e, ao mesmo tempo, desinibidas. Em festas, se sentirão como se fossem os convidados mais simpáticos, engraçados, bonitos e inteligentes. Esta sensação maravilhosa as motivará a beber o quanto puderem. (2) Ao passar dos anos, seus organismos se adaptarão às grandes quantidades de álcool que bebem, obrigando-os a (e, mais importante e trágico, *permitindo-lhes*) beber quantidades cada vez maiores, sem sofrer os efeitos normais da embriaguez, ressaca, etc. (3) Eventualmente, perderão esta extraordinária capacidade de tolerar o álcool. Os efeitos tóxicos da droga acabarão deteriorando todos os órgãos e tecidos do corpo — comprometendo, em particular, o cérebro. As reações físicas do organismo — e principalmente do cérebro — aos efeitos tóxicos do álcool causarão aberrações psicológicas, da mesma forma que um tumor cerebral causa a depressão, a paranóia e a confusão mental. Assim, embora a progressão do alcoolismo seja principalmente um processo químico/físico, os *sintomas visíveis* da doença (salvo o primeiro) são psicológicos.

O primeiro sintoma do alcoolismo já foi mencionado: o alcoólatra bebe "melhor" que os demais. Passa a tomar quantidades maiores, com maior frequência, sem cambalear, sem enrolar a língua, sem ficar tonto e sem ter ressaca no dia seguinte. Quem se imaginaria que é justamente este "bom copo" que eventualmente será dominado pelo álcool?

Alguns anos mais tarde, o alcoólatra perderá a capacidade de tolerar a bebida. Embriagar-se-á com cada vez menores quantidades de álcool. Comprometerá seus valores morais quando estiver embriagado e, como consequência, terá fortes sentimentos de remorso. Reagirá a estes sentimentos mentindo, minimizando as quantidades que bebeu e justificando as ocasiões (cada vez mais frequentes) em que passou da conta: "Demoraram muito em servir o jantar"; "Não é todo dia que se casa uma filha", etc. Quanto mais envergonhado se sentir, mais apelará para a bebida para anestesiar seus sentimentos de culpa.

Começará a procurar maneiras de beber sem criar problemas, tomando só cerveja, ou só nos fins-de-semana, ou

Como posso saber se sou alcoólatra?



um dia sim, um dia não, ou só depois das 18 horas, ou só na companhia da esposa, ou nunca na companhia da esposa. Nada funciona. Enquanto continuar bebendo, continuará piorando.

Chorará bastante e gradativamente se tornará agressivo, projetando nos outros a decepção e ódio que sente de si mesmo. Perderá o gosto pela vida, a motivação de trabalhar, a capacidade de externar seu amor pela família, a fé em Deus. Sofrerá repetidas perdas de memória.

Tudo por causa do efeito nocivo do álcool — que agora se tornou o remédio para as angústias que ele mesmo cria — ao ao sistema nervoso

central. Esta pessoa precisa urgentemente abandonar a bebida. A esta altura, porém, a bebida alivia tanto o seu sofrimento que não irá querer, de forma alguma, viver sem ela. Caberá a outras pessoas convencê-la da necessidade de se tratar.



PROBLEMA DE BEBIDA?

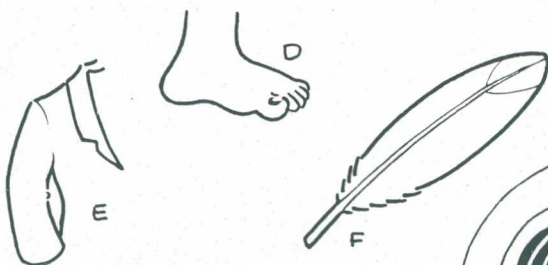
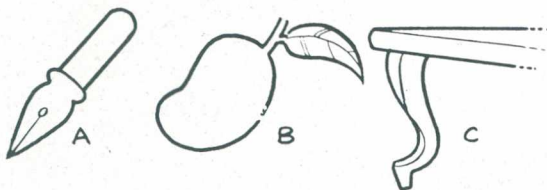
O tratamento, ou internação, na REINDAL emprega as mais avançadas técnicas utilizadas em conceituados centros de reabilitação norte-americanos.

REINDAL - Recuperação Integral do Doente Alcoólatra
Rua Augusta, 2676 (SP)

Tel.: 520-9514 ou 64-2326

OS HOMÔNIMOS

ASSOCIE OS OBJETOS QUE POSSUEM NOMES EM COMUM.



RESPOSTA: A-F B-E C-D

CRUZADINHAS

1	2	3	4
2			
3			
4			

VERTICAL - HORIZONTAL

1. CANO. 2. COSTUMES. 3. CONTRÁRIO DE MAUS. 4. O QUE O CACHORRO GOSTA.

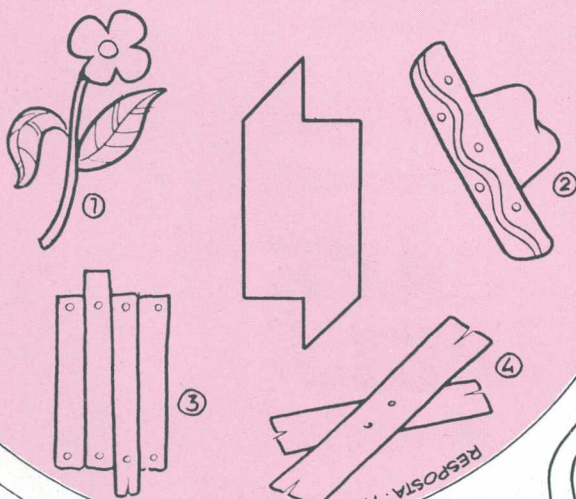
RESPOSTA: TURBO, USOS, BONS, OSSO.



734

O QUE PASSA?

QUAL DESSES OBJETOS PASSARÁ ATRAVÉS DA FIGURA CENTRAL?



RESPOSTA: APENAS A FIG. 3.

AJUDE

O BIDU A CHEGAR NA SUA CASINHA.



ADIVINHAÇÕES

O QUE É?

- TEM PESCOÇO E NÃO TEM CABEÇA. TEM BRAÇO E NÃO TEM MÃO. EMBORA TENHA PEITO FALTA-LHE CORAÇÃO.
- NÃO É SAIA NEM VESTIDO, MAS TEM PREGAS.



RESPOSTA: 1. CAMISA. 2. TAMPINHA DE GARRAFA.





**CAFÉ PELÉ SOLÚVEL.
RÁPIDO, GOSTOSO E BRASILEIRO.**